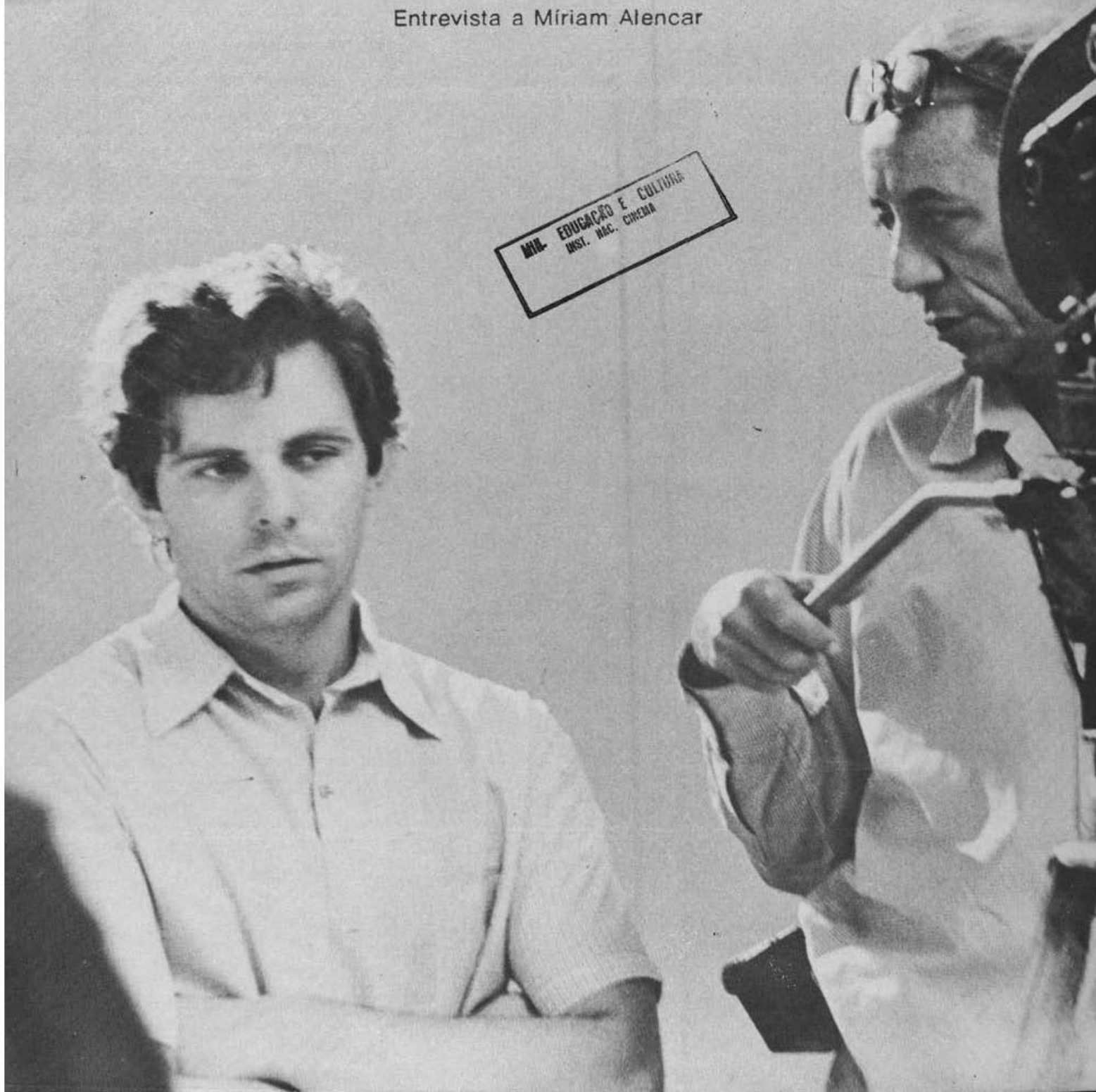


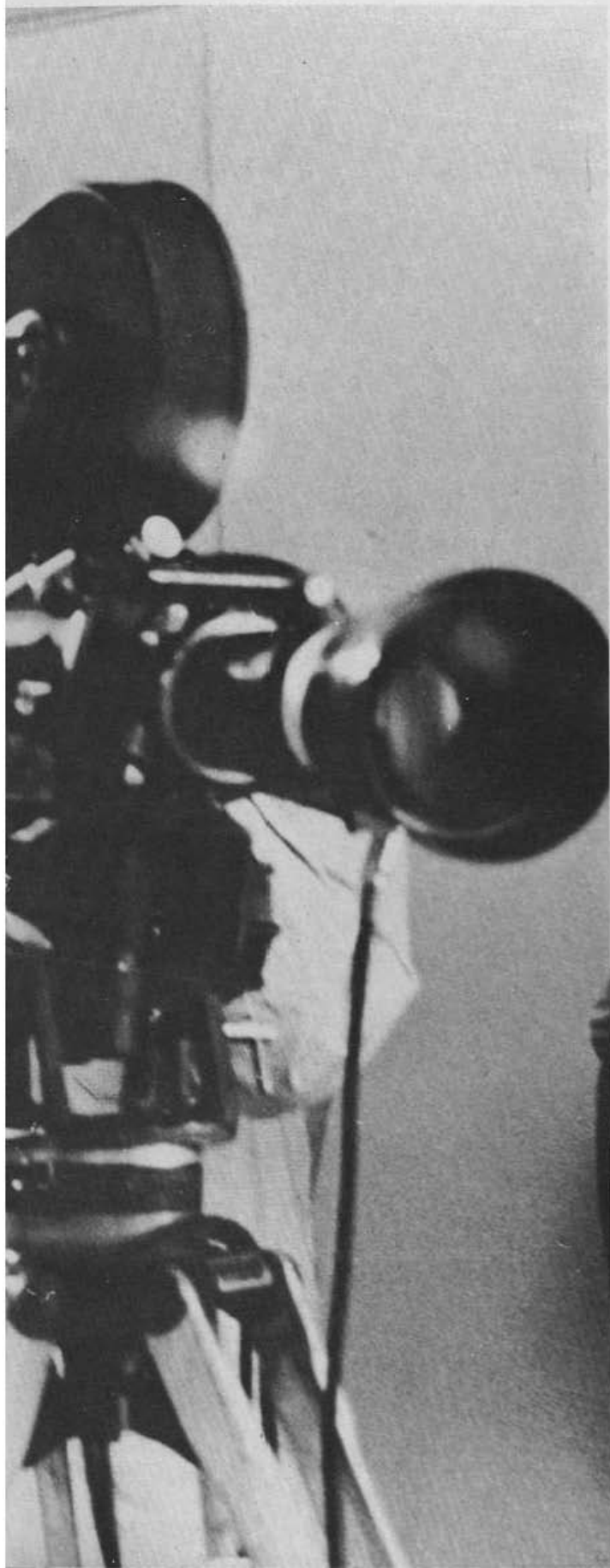
REGINALDO FARIA

"A comédia também é solução"

Entrevista a Miriam Alencar

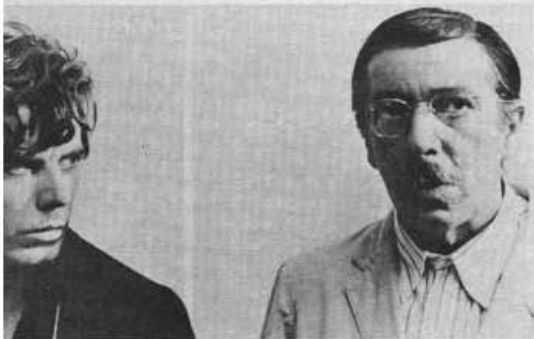
MIL. EDUCAÇÃO E CULTURA
INST. NAC. CINEMA





ROSSANA TAPAJÓS E STEPAN NERCESSIAN SÃO OS INTERPRETES DE PRA QUEM FICA, TCHAU!, SEGUNDO FILME DE REGINALDO FARIA

GÊNERO popular por excelência, a comédia tem sido considerada no Brasil como sinônimo de subdesenvolvimento cinematográfico. Por culpa da chanchada, nunca se pôde explorar convenientemente os filões mais ricos e expressivos do burlesco nacional. Para fazer rir, todo mundo recorria às piadas radiofônicas ou às brincadeiras circenses. Fora disso, era a comicidade sertaneja de Mazaroppi e *tutti quanti*. Os *a priori* desfavoráveis não desencorajaram, porém, a Reginaldo Faria, ator jovem com longa fôlha de *performances* elogiadas (*Selva Trágica*, *O Assalto ao Trem Pagador*, *Lance Maior*) e bom suporte técnico-administrativo (a empresa fundada por seus irmãos, Riva e Roberto Faria). O resultado da aproximação Reginaldo Faria-comédia foi *Os Paqueras*, que bateu recordes de bilheteria e ditou, de imediato, fórmulas cômicas. Encorajado pelo êxito, ele partiu para outra experiência, mais ambiciosa em termos de tratamento e história. O resultado parece ter sido, também, auspicioso. Reginaldo Faria vai insistir no gênero, que na sua opinião é tão sério quanto o drama.



REGINALDO FARIA-ATOR, AO LADO DE JOSÉ LEWGOY



MA — Todo mundo ficou surpreso quando você começou a dirigir. Por que você, ator famoso, decidiu de repente passar para detrás das câmaras?

RF — O trabalho de ator é muito limitado. Estamos sujeitos a fazer uma série de personagens que nem sempre nos agradam. Econômicamente também não é satisfatório, a não ser que se faça novela de televisão, mas mesmo assim corremos o risco de ver o nosso personagem morrer no meio da história. Como diretor, a situação é outra, o campo de trabalho é mais amplo. Não somos apenas um ator limitado a um determinado personagem. Dirigindo, somos obrigados a sentir todos os personagens, a dar a eles unidade, a formar um todo.

MA — Nesse caso, por que você não escolheu o drama em vez de comédia? Um filme dramático lhe proporcionaria maiores oportunidades de realizar esse tipo de ambição, não?

RF — Cheguei à conclusão de que se fizesse um drama não daria certo.

UM ADOLESCENTE TIMIDO (STEPAN NERCESSIAN) CHEGA AO RIO E SE APAIXONA POR UMA MULHER CASADA (ROSSANA TAPAJÓS), MUITO MAIS VELHA E EXPERIENTE



Comercialmente, a comédia tem muito mais possibilidades do que o drama. Por outro lado, é também um caso de terapêutica: dirigir *Os Paqueras* foi o melhor meio que encontrei para extravasar tôdas as minhas frustrações — não como personagem, mas sim como realizador — porque rir, divertir, também é um remédio, também é uma solução. Sempre fui provinciano, muito vinculado a certos preconceitos, e através de *Os Paqueras* consegui finalmente superar isto. O espectador de certa forma de se projetar no personagem que vê na tela. Não é esse tipo de personagem que atrai o espectador. Muitos gostariam de ser como ele, de ter sua posição. Quem não gostaria de se libertar de seus recalques? Pensei em tudo isso e parti para a comédia. Ela surgiu para mim como resultado de muita reflexão.

MA — Com *Os Paqueras* e *Pra Quem Fica Tchau!* você acredita ter acrescentado algo de novo à comédia brasileira?

RF — Francamente, não tenho certeza disso. O que eu acho e o que sinto é que se trata de uma questão de estilo. Outras



personas dirigiram comédias e utilizaram os mesmos ingredientes que eu, atingindo determinado grau de sucesso. Quando fiz *Os Paqueras* e *Pra Quem Fica Tchau!* acreditava na comédia como meio de sublimação. Talvez esteja aí a minha contribuição: o riso é que me motivava. Pode ser que dentro de algum tempo essa motivação desapareça, mas enquanto a sentir continuarei fazendo comédias.

MA — Talvez você seja um dos poucos cineastas brasileiros a ser motivado pela comédia. Habitualmente, o diretor estreado prefere se lançar com um drama, um policial ou um filme político.

RF — Se pararmos para pensar, vamos chegar à conclusão — que não é nova — de que fazer comédia é muito mais difícil do que fazer uma fita dramática. É possível que os novos diretores escolham o drama por temer não alcançar a comicidade desejada, se abordassem este gênero. Talvez seja por isso que a comédia ainda não foi devidamente explorada pelo cinema brasileiro. No entanto, acredito que a comédia pode resolver muitos problemas



para nós. O nosso público está bem mais preparado para aceitar a comédia do que o drama, daí o sucesso de meus filmes.

MA — A comédia brasileira evoluiu?

RF — Acho que sim. As chanchadas eram o próprio pastelão. A comédia moderna busca, de certa forma e com um tratamento adequado, o tema social, os problemas humanos. Não existe fórmula especial para a comédia. Depende de cada diretor jogar os elementos da melhor maneira, a fim de obter um resultado positivo. Domingos de Oliveira, com *Tôdas as Mulheres do Mundo*, procurou e encontrou um caminho novo para a comédia. Quanto à comédia sofisticada, ela ainda é bastante difícil. Nossos atores não têm escola, nem tampouco os figurantes. Não há recursos suficientes para cenários e figurinos, elementos que comédia sofisticada exige com freqüência. Prefiro a comédia de costumes, pois tem muito mais a comunicar. O diretor parte do real e, em função dele, constrói uma história que funciona mais que a de qualquer comédia sofisticada. A comédia de costumes é o

nosso próprio dia-a-dia. O cinema brasileiro ainda não atingiu o grau de cultura ideal para chegar ao nível da comédia sofisticada. Temos de lançar mão do humor descontraido do carioca, que oferece maiores possibilidades de riso.

MA — Em *Pra Quem Fica, Tchau!* existe algumas pinceladas de drama, que o distingue de *Os Paqueras*. Por quê?

RF — Porque queria dar alguma moralidade à história desse adolescente, sem parentes, que vem ao Rio e passa por toda sorte de aventuras até ir amadurecendo. O filme termina com a impossibilidade do amor entre ele e uma mulher casada, muito mais velha e experiente, o que de certa forma é uma conclusão dramática.

MA — Quais as relações que você vê entre os dois filmes?

RF — Talvez o humor e a *paquera*. Mas os dois filmes são distintos, não procurei extrair nada de um para outro. Tênicamente, *Pra Quem Fica, Tchau!* é melhor, tem mais equilíbrio, tem melhores interpretações. Ao mesmo tempo, sinto que foi mais difícil de realizar que

Os Paqueras, porque o fato de ser minha primeira fita fez com que a dirigisse com mais entusiasmo e sem preocupações de manter o nível de uma fita anterior. Hoje, sinto que me empenhei mais no segundo. Afinal, tinha feito um filme que foi sucesso e preciso repetir ou superar a experiência passada. Talvez *Pra Quem Fica, Tchau!* não tenha tanta espontaneidade, devido a êsse empenho meu em reeditar um êxito.

MA — Fale sobre a origem de *Pra Quem Fica, Tchau!*

RF — A história surgiu em quatro dias. Tinha um argumento que mostrava o problema de um rapaz tímido em visita à metrópole. Depois que vi o trabalho de Stepan Nercesian em *Marcelo Zona Sul* fiquei entusiasmado: ele era talhado para o papel. Tive, então, de fazer algumas modificações para adaptar a história à sua personalidade. O título foi extraído da música de Jorge Omar e se enquadrou perfeitamente no espírito do filme. Na trilha musical apresento duas músicas de minha autoria: a canção-tema de Maria e a balada "Estrada Azul". □